

NOTAS

EU E O VERBO IR

Marcílio Hubner de Miranda Neto*

Miranda-Neto MH. Eu e o verbo ir. Arq Mudi. 2007;11(3):41-2.

RESUMO. Nesta crônica, o autor discorre brevemente sobre sua experiência, enquanto aluno, para aplicar os conhecimentos gramaticais recebidos em sala de aula no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: gramática; cotidiano; educação.

Miranda-Neto MH. I and the verb to go. Arq Mudi. 2007;11(3):41-2.

ABSTRACT. In this chronic, the author talks briefly about his experience as a student, to apply the grammatical knowledge received in the classroom in daily life.

KEY WORDS: grammar, daily life, education.

Quando criança, iniciei meus estudos numa escolinha rural multisseriada. A pobre professora se desdobrava para dar conta de ensinar para tantos alunos, duas ou três coisas diferentes ao mesmo tempo. Talvez seja por isso que quando a gente já estava se acostumando com uma ela “IA” embora e nós ficávamos sem aula até aparecer outra disposta a enfrentar poeira e barro para chegar até nossa escola e compartilhar conosco o pouco que sabiam, digo o pouco que sabiam porque todas as minhas professoras eram leigas, a que lecionou para mim na quarta série havia estudado somente até a terceira, mas se empenhava em nos ensinar o que estava previsto nas apostilas distribuídas pela prefeitura. O apogeu de cada dia de aula era alcançado quando a professora escrevia no quadro negro “para casa” e tascava a tarefa que devia ser cumprida. Dentre as muitas modalidades de tarefas estava a conjugação de verbos e entre os numerosos verbos que deviam ser conjugados no presente, no futuro, no pretérito perfeito, mais que perfeito etc.

estava o verbo “IR”, que não somente fazia parte da tarefa como despencava na prova. Por isso eu conjugava tudo direitinho: eu fui, tu fostes, ele foi, nós fomos, vós fostes, eles foram... Depois de tudo escrito subia em uma das numerosas árvores que existia no quintal e lá nas alturas repetia até decorar, na prova não dava outra tirava dez, e todos ficavam felizes.

Eu só não ficava feliz com o verbo ir, quando precisava conversar com alguém e relatar, por exemplo, que no dia anterior eu e mais alguém havíamos ido a algum lugar. Nestas ocasiões eu, caipira que era dizia: “ontem nós fumo na casa do vizinho”. Devo confessar que desde pequeno fui questionador essa estória de “nóis fumo” para se referir ao passado do verbo ir nunca me agradou. Acho que o Jean Piaget explica isso criança é muito presa ao concreto, e na minha infância entre as muitas atribuições que eu meus irmão possuíamos, estava a de destalar folhas de fumo e fiar produzindo o fumo de corda. Eu, então, pensava com os meus botões o que tinha a ver o fato de nós termos ido com o

*Docente do Departamento de Ciências Morfofisiológicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM/DCM)
☐ Avenida Colombo, 5790, Campus Universitário, CEP: 87020-900, Maringá-PR.

“fumo”? Por isso não me agradava dizer esta palavra como passado do verbo ir. Mas naquela ocasião eu nem sabia que “fumo” era passado do verbo ir. Meu dilema tornou-se menor quando meu irmão mais velho casou-se com uma moça de uma família muito mais culta que a nossa, até professora ela tinha sido. Para minha felicidade ela não falava “nóis fumo” ela falava “ontem nós fomos” podia não ser correto, mas para mim soava bem melhor. Terminei a quarta série e a única forma de continuar estudando era mudar-se para a cidade, por uma série de contingências fui morar em São Bernardo do Campo com minha irmã mais velha, que na ocasião estudava madureza ginásial na mesma turma do Lula, isto mesmo o atual presidente. Mas isso não vem ao caso, o que importa é que fui fazer a quinta série numa escola enorme com numerosas salas e séries e lá tive aulas de português com a professora Elizabete Miranda, acho que ela devia ser formada em letras, pois sabia tudo de língua portuguesa. Aliás a Elizabete conhecia minha irmã pois usava seus serviços de costureira. Certo dia ela me perguntou se minha irmã estava bem, disse que sim e acrescentei: ontem nós fumo ao cinema. Imagino que isso tenha soado pior do que um tiro em seus tímpanos. Ela levou os óculos para a ponta do nariz, tirando-os da frente dos olhos como se quisesse me ver melhor, ou talvez privar-se da visão para aguçar a audição e ter certeza que eu, um aluno nota dez, havia realizado aquela conjugação verbal. Disse-me em então: - Marcílio conjugue o verbo ir no passado. Foi moleza conjuguei sem cometer um único erro. Então ela me disse Marcílio porque você fala “nóis fumo”.

Como bom mineiro eu respondi: uai professora porque foi assim que eu aprendi a falar. Ela então me explicou que os verbos a gente aprende a conjugar na escola, mas que o grande objetivo é aplicar esse aprendizado a nossa forma de falar, então graças a Elizabete descobri na quinta série que a escola tem o propósito de nos preparar para a vida e não para as provas e que um dos principais reflexos da aprendizagem de qualquer matéria é modificação da linguagem, a partir daí entendi a importância do matemátiquês, do biologês etc. Sou eternamente grato a Elizabete e ela foi

tão importante em minha vida que fiz questão de registrar meus agradecimentos a ela na minha dissertação de mestrado.

SUGESTÃO DE LEITURA

Cilza Bignotto C, Jaffe N. Crônica na sala de aula. 2.ed. São Paulo: Itaú Cultural; 2004.

Minienciclopédia de poesia e crônica itaú cultural. São Paulo, Brasil: Itaú Cultural. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br>

Recebido em: 30.06.07

Aceito em: 26.09.07

Revista indexada no *Periodica*, índice de revistas Latino Americanas em Ciências <http://www.dgbiblio.unam.mx> (ISSN 1980.959X).

Continuação de: Arquivos da Apadec (ISSN 1414.7149)